

# Arte Comentada 3

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

# Arte Comentada 3

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

**Edição de Arte** Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Revisão** Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Ivan Vale de Sousa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A786 Arte comentada 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5706-227-2  
DOI 10.22533/at.ed.272202407

1. Arte – Crítica e interpretação. 2. Arte – Filosofia. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 707

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## APRESENTAÇÃO

A arte, neste e-book, dá textura e compõe os sentidos que estão presentes em cada um dos capítulos, comentados e discutidos por seus autores, reafirmando a necessidade de existência da arte. A arte constitui-se na experiência dos sujeitos com a obra e da obra com seus apreciadores, pois todos nós temos uma relação de aproximação com o fazer artístico como representação das atitudes humanas.

É preciso compreender quantos segredos podem ser descobertos em cada modalidade artística e quantas artes podem ser comentadas. A arte nos possibilita viajar sem que saíamos do lugar de origem, ela nos envolve em um processo de planejamento, apreciação, produção e análise, pois as redes de saberes artísticos inserem os sujeitos em um processo contínuo de investigação.

A arte constitui-se a partir de um objeto artístico em que tal objeto pode ser interpretado pelo olhar do observador, pois a reconstrução interpretativa de cada obra de arte é única, nenhum olhar é igual ao outro ao observar as nuances, os sentidos e os sentimentos que as obras de arte possibilitam. O que seria de nós sem o papel essencial da arte?

Desde a pré-história, já nas chamadas pinturas rupestres, percebemos que as marcas artísticas vêm sendo adaptadas aos contextos de utilização. Embora como muitos pensam a arte não tem apenas o poder de encantar, mas também de problematizar questões e propor as soluções para os contextos comunicativos, poéticos e estéticos.

As linguagens artísticas exigem planejamento para sua execução e podem ser percebidas tanto no teatro, na dança, nas artes visuais, nas artes cênicas quanto na música. Assim, a arte é vista como experiência e a principal e maior vivência artística está na constituição do texto em que os saberes poéticos e estéticos são e podem ser compartilhados nas possibilidades contextuais.

Todos os capítulos que dão forma a este e-book trazem os leitores para os contextos mágicos, eficazes e necessários possibilitados pela arte. Com isso desejamos excelentes reflexões e que o colorido dos trabalhos os auxilie na coloração do mundo desbotado, pois a experiência da arte fortalece-se, reconstrói-se e estabiliza-se na instabilidade de olhares apreciativos atento às pinceladas, aos passos marcados, às feições, aos sons e ao deslizar da caneta no papel tornando o texto uma prosa poética, artística e iluminada no palco da existência.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A HISTÓRIA DA ARTE, A OBRA DE ARTE E A FASCINANTE REALIDADE DA AMBIGUIDADE VISUAL.	
Sandra Makowiecky	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
ELA É: UMA PERFORMANCE <i>DRAG</i> COMO EXERCÍCIO ARTÍSTICO-POLÍTICO	
Lívia Rocha Helmer	
Reyan Perovano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
O QUE É NECESSÁRIO PARA SE FAZER UMA FOTOGRAFIA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Cristiane Martins	
Rossano Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
ESPOSAS, MARIDOS E CASAMENTOS: O DES(AMOR) COMO SIGNIFICADO NA ARTE CONTEMPORÂNEA	
Natasha Satiko Miamoto	
João Paulo Baliscei	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
MULHER-MARAVILHA: REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL NA CINEMATOGRAFIA	
Gabriella Maidana de Mello Miranda Gonçalves	
Claudia Priori	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
CRAVO BRASILEIRO, COM CERTEZA	
Rosana Lanzelotte	
Carlo Arruda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>72</b>
DESENHO DE MEMÓRIA NA DEFICIÊNCIA VISUAL	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024077</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
O ENCONTRO E A FUGA DA CIÊNCIA E DA FICÇÃO CIENTÍFICA NO CINEMA NACIONAL E NA HISTÓRIA DO POVO BRASILEIRO	
Vitor de Almeida Sawaf	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024078</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>94</b>
REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DE FATORES CULTURAIS NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM MUSICAL DE PROFESSORES	
Lisiane Mari de Souza Mendes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>105</b>
A MÚSICA E O CÉREBRO EXECUTIVO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL	
Maria Clotilde H. Tavares	
Sandra F. C. Dourado Freire	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
HETEROGÊNESE EM DISPOSITIVOS FOUCAULTIANOS NA EXPERIMENTAÇÃO COM ARTE E TECNOLOGIA	
Leonardo da Silva Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>130</b>
EXEMPLOS DE <i>EPIZEUXIS</i> EM JOSÉ JOAQUIM EMERICO LOBO DE MESQUITA	
Eliel Almeida Soares	
Rubens Russomanno Ricciardi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>143</b>
AS REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA (IM)PERFEITA NAS VISUALIDADES DA ARTE CONTEMPORÂNEA:UM ESTUDO INICIAL SOBRE REPRESENTAÇÕES	
Natasha Satico Miamoto	
João Paulo Baliscei	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>151</b>
ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A OBSERVAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO COMO RITMISTA	
Michele de Almeida Rosa Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>158</b>
<i>ANIMALIS IMAGINIBVS</i> – (AS)SIMETRIAS ENTRE ARTE E CIÊNCIA NA OBRA DE MAURO ESPÍNDOLA	
Daniela Remião de Macedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>167</b>
RE-TRATO FEMININO	
Maria de Fátima Gonzaga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240716</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>175</b>
UM <i>PODCAST</i> MUSICADO E SEU USO COMO RECURSO INTERDISCIPLINAR	
Thércio Lima Menezes	
Paulo Roberto Affonso Marins	
Eloisa Assunção de Melo Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>185</b>
OBSERVADORES EFÊMEROS E IMAGEM-SINTOMA EM PETER BRUEGHEL: UMA CONEXÃO COM GEORGES DIDI-HUBERMAN	
Ilma Guideroli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>192</b>
ANÁLISE DO MAXIXE “DUETO DE LUMINÁRIAS E DIABO”: COPLA PARA CANTO E PIANO DA MÁGICA - A BOTA DO DIABO	
Renata Freitas Borges	
Flávio Cardoso Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>204</b>
A TRAJETÓRIA DE JEAN ROUCH E UMA ANÁLISE DO FILME <i>A PIRÂMIDE HUMANA</i>	
Eduardo Antonio Ramos Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240720</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>213</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>214</b>

## A TRAJETÓRIA DE JEAN ROUCH E UMA ANÁLISE DO FILME *A PIRÂMIDE HUMANA*

Data de aceite: 01/07/2020

Data de submissão: 26/03/2020

**Eduardo Antonio Ramos Silva**

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR),  
Faculdade de Artes do Paraná (FAP).

Curitiba - Paraná

<http://lattes.cnpq.br/4527159431649347>.

**RESUMO:** Este texto analisa a importância e a trajetória do antropólogo e cineasta Jean Rouch (1917-2004), tendo como foco um de seus filmes, intitulado *A Pirâmide Humana*, lançado em 1961. Para cumprir esse propósito estabelecerei diálogos com Pierre Bourdieu e Wilson Gomes. Bourdieu será mobilizado para trabalhar o conceito de trajetória, enquanto Wilson Gomes será um autor importante para a realização da análise fílmica. A escolha do autor e do referido filme se deu pelo nível de experimentação proposto por Jean Rouch, o qual teve sua obra reconhecida como inovadora por importantes cineastas, dentre os quais, o francês Jean-Luc Godard, que se impressionou, sobretudo, com as formas de falar e agir dos personagens e a improvisação de cenas, ou seja, a ausência de roteiro prévio (GARDNIER, 2018).

**PALAVRAS-CHAVE:** Trajetória; Jean Rouch; A Pirâmide Humana; Análise Fílmica.

### JEAN ROUCH'S TRAJECTORY AND AN ANALYSIS OF THE FILM *THE HUMAN PYRAMID*

**ABSTRACT:** This paper analyzes the importance and the trajectory of the anthropologist and filmmaker Jean Rouch (1917-2004). It focuses on the film *The Human Pyramid*, released in 1961. I will establish dialogues with Pierre Bourdieu and Wilson Gomes to fulfill this purpose. Bourdieu will be mobilized to work on the concept of trajectory. Wilson Gomes will be an important author to carry out film analysis.

The choice of the author and the film was due to the level of experimentation proposed by Jean Rouch, who had his work recognized as innovative by important filmmakers such as Frenchman Jean-Luc Godard, who was impressed by the ways of speaking and acting of the characters and the improvisation of scenes - by the absence of previous script (GARDNIER, 2018).

**KEYWORDS:** Trajectory; Jean Rouch; *The Human Pyramid*; Film Analysis.

## 1 | INTRODUÇÃO

Como mencionado no resumo, uma das referências metodológicas do trabalho é Pierre Bourdieu, especificamente sua proposta a respeito do conceito de trajetória, o qual tem sua gênese metodológica relacionada aos estudos sobre *histórias de vida*. Esses estudos ganharam força entre as décadas de 1920 e 1940 nos Estados Unidos, a partir das pesquisas da Escola de Chicago<sup>1</sup>, e após um período de forte crítica, voltaram a ser uma opção metodológica no fim da década de 1970 e início da década de 1980 (GUÉRIOS, 2011. p. 02).

O método, portanto, foi passando por críticas e ajustes e um desses ajustes foi proposto por Bourdieu, o qual deu sua contribuição ao considerar que, tanto as histórias de vida quanto as biografias, não deveriam ser desconectadas das trajetórias dos indivíduos. Bourdieu considerava que, metaforicamente, era necessário explicar não somente o trajeto do metrô, mas, sobretudo, a estrutura da rede (BOURDIEU, 1996. p. 81). É a partir dessa orientação metodológica, portanto, que tratarei da biografia e da história de vida de Jean Rouch.

Tratando-se especificamente dos procedimentos de análise fílmica que usarei no trabalho, o texto de Wilson Gomes, intitulado *La poética del cine y la cuestión del metodo en el análisis fílmico*, forneceu a sistematização necessária e segura para o estudo do filme em questão.

## 2 | A TRAJETÓRIA DE JEAN ROUCH: ENGENHEIRO, ANTROPÓLOGO, CINEASTA

A FIGURA 1 foi retirada de uma matéria de jornal do *Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS* –, órgão governamental no qual Rouch trabalhou durante um período de sua vida. A matéria discute, num projeto intitulado *Jean Rouch em Héritage*, a contribuição do mesmo para a antropologia visual e para o cinema.



FIGURA 1 – Rouch na África

Fonte: Jean Rouch en héritage (2017)

---

1. A chamada Escola de Chicago é uma escola de atividade organizada na Universidade de Chicago, cujo criador do Departamento de Sociologia, Albion Small, um pastor protestante interessado em reformas sociais, começou, junto com outros pesquisadores, a realizar pesquisas urbanas a fim de conhecer histórias de imigrantes e de pessoas empobrecidas visando à resolução de inúmeros problemas sociais que afligiam cidades em desenvolvimento na primeira metade do século XX (BECKER, 1996). Os estudos urbanos, característica da Escola de Chicago, foram aplicados no Brasil por um aluno dessa instituição, Donald Pierson, professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, e um dos principais responsáveis pela consolidação da Sociologia no Brasil (MENDOZA, 2005).

Em certo sentido, Rouch possui uma trajetória que guarda semelhanças com antropólogos do início do século XX, o interesse pelo exótico moveu Malinowski até as Ilhas Trobriand, onde desenvolveu o método etnográfico, Strauss até tribos indígenas no Brasil, experiência fundamental na produção de seu livro *Tristes trópicos* e Evans-Pritchard até o Sudão, para produzir um dos livros mais clássicos da antropologia, *Os Nuer*. Todavia, guardadas as semelhanças, uma questão importante merece destaque, Rouch desembarcou na África como um engenheiro e não como antropólogo.

Rouch iniciou os estudos em engenharia em 1937 na *École des Ponts et Chaussées*, em Paris e, nessa cidade, frequentou inúmeras exposições etnológicas onde o exotismo era o grande destaque, mas foi após matricular-se no curso ministrado pelo antropólogo Marcel Griaule, o qual era uma referência pelos trabalhos realizados na África, que Rouch se envolveu de maneira mais sistemática nos estudos etnológicos. Foi assim que Rouch, em 1941, a serviço de seu país, chegou à capital do Níger para trabalhar como engenheiro em obras públicas de infraestrutura como a construção de estradas e pontes. Foi no Níger e, posteriormente, no Senegal, que teve contatos mais profundos com religiões nativas compostas de inúmeros rituais e isso foi fundamental para que, depois de aproximadamente quatro anos na África, voltasse à França para matricular-se no programa de doutorado da Sorbonne e ser orientado por sua inspiração intelectual, Marcel Griaule (DUMARESQ, 2007).

Assim sendo, por conta do doutorado, em 1946 empreendeu novamente viagem para o Níger, a fim de entender melhor alguns rituais que tivera contato em sua primeira passagem pelo país. Foi entre idas e vindas para a França e a passagem por países como Níger, Nigéria e Sudão que Rouch foi aprofundando sua pesquisa e realizando uma série de filmagens que iam desde ritos religiosos, práticas de circuncisões a caças de animais.

Rouch, ainda durante o doutorado, foi contratado pelo CNRS, o qual tinha interesse em identificar processos migratórios na região, e foi por essa época que o antropólogo se interessou em entender as experiências subjetivas dos migrantes, realizando filmes que o consagrariam, sendo eles: *Os mestres loucos; Jaguar; Eu, um negro;* e o filme que analisarei, *A Pirâmide Humana*.

Em 1960, Jean Rouch retornou à França e publicou sua tese de doutoramento, com a qual obteve um prestígio enorme, tanto no meio cinematográfico, quanto no acadêmico. Foi esse prestígio que o aproximou de Edgar Morin, cuja proposta anunciou a Rouch: filmar um documentário com concepções estéticas ousadas como aquelas que Rouch desenvolvia na África, mas agora entre os parisienses. Juntos, portanto, filmaram *Crônica de um verão*. O sucesso dessa obra rendeu a Rouch muitas premiações, como o prêmio de crítica no Festival de Cannes, visto que a grande característica desse filme são as interações entre cineastas e participantes e foi por meio dele que se constituiu uma nova estética para o documentário (NICHOLS, 2005, p. 53).

Da década de 1960 em diante a carreira cinematográfica de Rouch foi extensa

e premiada, realizou filmes na Europa, continuou viajando para regiões da África, foi professor convidado na Universidade de Harvard e chegou ao título de presidente da *Cinematèque Française*, entre os anos de 1986 a 1991.

Sua morte ocorreu em 2004, num acidente de carro nas proximidades do Níger e Nigéria, quando viajava pela região. Alguns anos após sua morte, teve um ritual fúnebre celebrado por um dos primeiros povos com os quais teve contato no Níger: o povo Dogon.

### 3 | DISCUSSÕES SEMINAIS PARA O ENTENDIMENTO DE A PIRÂMIDE HUMANA

Antes de seguirmos para a discussão sobre a análise fílmica faz-se necessário situar um debate importante que aconteceu décadas antes da produção fílmica de Jean Rouch e que foi fundamental para o processo de inúmeras de suas experimentações no campo da cinematografia. Refiro-me ao debate entre formalistas<sup>2</sup> e realistas<sup>3</sup>.

Os formalistas, segundo James Dudley Andrew (1989) foram os responsáveis pelas primeiras elaborações teóricas sobre o cinema como arte e, com o passar do tempo, foram elegendo suas características principais, ou seja, as primeiras décadas do cinema foram marcadas por uma tendência formalista. No entanto, os autores de tendências realistas do mesmo período como, os documentaristas Paul Rotha, Jean Vigo e, principalmente, Dziga Vertov, consideravam, sobretudo, que essa arte tinha que ter uma função social, ou seja, o essencial não era a forma, mas sim o conteúdo.

Tanto os formalistas, quanto os realistas, conseguiram imprimir distinções consideráveis em seus processos criativos, polarizando acentuadamente o que os distinguia, pois enquanto os primeiros estavam mais inclinados a enaltecer as propriedades artísticas próprias do cinema, por exemplo, plano, distorção de lente, efeitos ópticos, o segundo grupo estava mais inclinado a expor o cotidiano das pessoas (ANDREW, 1989).

É em meio a essa polarização que a obra de Jean Rouch merece ser analisada, pois ficção e realidade ficam menos evidentes em seus filmes como destaca o ex-aluno de Rouch, Marcius Freire, em seu artigo *Jean Rouch e a invenção do Outro no documentário* (2007), no qual, inclusive, destaca a classificação comumente colocada na obra do cineasta francês em três categorias, vejamos:

a) os filmes de “registro etnográfico”, tais como: *Bataille sur le grand fleuve* (1951), *Les maîtres fous* (1954), *Sigui* (1967), *Le dama d’ambara* (1980); b) os filmes ditos “psicodramas ou de improvisação”: *Jaguar* (1954-1967), *Moi, un Noir* (1958), *La pyramide humaine* (1959), *Chro-nique d’un Été* (1960), *Petit à petit* (1970), *Madame l’eau* (1993); e c) os filmes de “ficção”, ficção aqui entre aspas: *La punition* (1962), *Gare du nord* (1965), *Les veuves de quinze ans* (1964), *Les adolescents*, *Le foot-girafe ou L’alternative*, filme publicitário para a Peugeot (1973), *Co-corico, monsieur poulet* (1974), *Babatu, les trois conseils* (1976), *Dyo-nisos* (1984). (FREIRE, 2007, p. 58).

2. Formalistas: fazem um debate sobre a especificidade artística do cinema e defendem que sua localização se encontra nas diferenças radicais para com a realidade.

3. Os realistas consideravam que a especificidade artística do cinema era, justamente, oferecer representações confiáveis da vida cotidiana.



Desse modo, conforme a classificação feita acima, o filme que analisarei se insere nos chamados filmes ditos “psicodramas ou de improvisação”<sup>4</sup>, que contam com outros cinco, sendo eles, *Jaguar; Moi, un Noir; Chro-nique d’un Éte; Petit à petit; e Madame l’eau*. Para além dessa classificação, é importante destacarmos algumas características dessa experiência feita por Jean Rouch na Costa do Marfim, país que na época passava por um processo de independência.

O procedimento que usarei será a análise poética, a qual é discutida pelo teórico Wilson Gomes (2004). Tal método de análise considera que um filme pode ser entendido a partir de sua composição estética (filmes mais experimentais), composição comunicacional (filmes com mensagens a serem passadas) ou composição poética (filmes de alta carga dramática).

Gomes propõe estabelecer uma questão metodológica nas análises fílmicas, pois, segundo ele, embora façam parte do campo social, ainda são realizadas sem o necessário rigor analítico, ou seja, são realizadas por quem assim deseje fazer, comumente um crítico, tendo como principal matriz de interpretação a própria convicção e gosto deste (2004, p. 90). Desse modo, segundo o autor, quem dita a análise fílmica é a própria subjetividade daquele que a faz e isso tende a “empobrecer” a hermenêutica do filme.

Embora o autor reconheça os limites de uma interpretação mais acadêmica, deixa claro que as possibilidades existem e merecem consideração (2004, p. 92)<sup>5</sup>. Do ponto de vista de uma abordagem histórica, Wilson Gomes se apoia no tratado de Aristóteles conhecido como *Poética*, de onde, portanto, deriva a nomenclatura de sua proposição: *análise poética*. Gomes, obviamente, estabelece ressalvas quanto ao uso desse texto para análise de filmes, visto que ele foi elaborado séculos atrás e composto para a literatura oral e abordagem cênica. No entanto, é inegável que o modelo de análise que prevaleceu no Ocidente deriva do tratado desse filósofo (GOMES, 1996, p. 01).

Como mencionado, Gomes considera que a análise fílmica deve ser feita a partir das sensações que são geradas em seus apreciadores, as quais ocorrem nas seguintes dimensões: *efeitos, estratégias e meios*<sup>6</sup>. As dinâmicas de uso dessas três categorias se relacionam com os efeitos produzidos pela obra cinematográfica, os quais são: *sensação, sentido e sentimento* (2004). É sob esse tripé que se assentam as composições mencionadas no início desse trabalho: a composição estética (domínio da sensação), composição comunicacional (domínio do sentido) e composição poética (domínio do sentimento).

4. Não é consenso se o filme *A Pirâmide Humana* pode ser classificado como psicodrama ou filme de improvisação. Essas questões são discutidas por Marcius Freire e Luiz Daminello no artigo intitulado *La Pyramide Humaine ou uma crônica colonial africana*, o qual está referenciado ao final do texto.

5. Essa possibilidade de análise de filmes foi validada academicamente, visto que muitos outros a tem adotado, por exemplo, Manuela Penafria, a qual passou a usar essa forma hermenêutica de interpretação proposta por Wilson Gomes, conforme seu artigo *Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)* (2009).

6. Segundo o autor os meios são os recursos materiais colocados a serviço da geração de efeitos, por exemplo, música, *raccord* etc. Estratégias são os dispositivos programados para a geração desses efeitos e, por fim, a partir desses dois recursos temos a efetivação do efeito sobre o apreciador, ou seja, a peça cinematográfica.

Assim sendo, passarei agora a buscar no filme *A Pirâmide Humana* elementos suficientes para entender o seu código, ou seja, qual dos três domínios prevalece na obra.

#### 4 | UMA ANÁLISE POÉTICA DE A PIRÂMIDE HUMANA

O filme em questão conta com atores não profissionais, mas que se comprometem a encenar suas vidas diante da câmera, embora com uma liberdade para compor e interpretar seus personagens eles acabam representando grandes arquétipos, por exemplo, o melancólico, o romântico, o esnobe, o orador, o sagaz, a inquieta, a pensadora etc. Logo no início, ao conversar com alguns estudantes, Rouch deixa claro uma das principais marcas desse projeto: a improvisação. Improvisação tal, que o cineasta abre mão de um roteiro prévio<sup>7</sup>.

Rouch menciona que vinte jovens participaram de seu filme, os quais frequentavam na época o ensino médio no *Lycée d'Abidjan*, instituição de ensino da capital da Costa do Marfim<sup>8</sup>. Esses jovens estão divididos em franceses que, por um motivo ou outro, moravam na Costa do Marfim, e jovens marfinenses. Para além das questões de identificação nacional, também existia a identificação étnica, visto que uma divisão entre brancos e negros se estabelecia a partir disso. Desse total, nem todos têm destaque no filme, alguns são apenas mencionados e/ou aparecem em alguns momentos. Desse modo, nos valem de uma tabela para apresentar os mais destacados, assim como suas pretensões profissionais, vejamos:

NADINE	ALAIN	JACQUELINE	JEAN CLAUDE
<b>Interesses profissionais</b>			
Não informado	Engenharia	Infectologia	Musicologia
DANY	JEAN FRANÇOIS	PAUL	XXX
<b>Interesses profissionais</b>			
Medicina	Engenharia	Comandante	XXX

QUADRO 1 – Estudantes franceses

DENISE	RAYMOND	DOMINIQUE	BAKA
<b>Interesses profissionais</b>			
Farmácia ou Sociologia	Musicologia	Agronomia	Filosofia
ELOLA	AMIN	ZENEB	LANDRY
<b>Interesses profissionais</b>			
Carreira política	Medicina	Sociologia	Não informado

QUADRO 2 – Estudantes marfinenses

7. Vale destacar que essa maneira peculiar de Rouch pensar a elaboração do filme tinha recebido bastante influência de um método matemático aprendido enquanto estudava engenharia e foi ele que norteou muitos processos de montagem de seus filmes, fazendo com que Rouch, às vezes, começasse seu filme pelo final. “Encontro com Jean Rouch”, Entrevista concedida a Regina Guimarães e Saguenaíl. Disponível em: [http://issuu.com/helastre/docs/encontro\\_com\\_jean\\_rouch](http://issuu.com/helastre/docs/encontro_com_jean_rouch). Acesso em: 10 mai. 2019.

8. Há uma jovem cujo nome é Nathalie que, assim como Nadine e Denise, ganha certo destaque no filme. Essa jovem havia feito uma pequena participação no filme anterior de Rouch denominado *Eu, um negro*. Rouch comumente usa desse recurso, inclusive em *Crônica de um verão*, rodado em 1961, alguns dos estudantes de *A Pirâmide Humana* participam dele.

Cada um desses jovens tem expectativas quanto ao futuro profissional e deixam isso claro no início do filme, ou como pode ser observado nas tabelas acima. Nesse quesito, talvez resida o maior arquétipo de todos: o jovem idealista.

Embora estudem na mesma escola e mantenham relações cordiais nesse espaço institucional, é perceptível que o clima que os envolve é tenso por conta das disputas coloniais e raciais do período. Em determinada cena do filme isso fica claro ao tratarem sobre o regime do *apartheid* na África do Sul. Há, também, uma dificuldade imensa em ambos os lados de se colocarem no lugar do outro, em entenderem as razões e motivações do outro. É a partir dessas tensões que o filme se desenvolve, pois faz parte da proposta inicial de Rouch ver o encaminhamento da relação entre estudantes brancos e negros numa classe escolar na capital da Costa do Marfim.



FIGURA 2 – Sala de aula improvisada

Fonte: *A Pirâmide Humana* (1961)

Para chegar a um nível satisfatório de experiência, Rouch deixa de ser um observador em muitos momentos para ser um provocador de situações potencialmente tensas, por exemplo, instigando os flertes de Nadine com jovens brancos e negros ao mesmo tempo, o que gera desconfortos para a maioria dos personagens, inclusive para Denise, amiga de Nadine.

Três cenas sugerem que Rouch obteve sucesso em seu experimento, são elas: 1) no começo do filme Rouch aparece reunido com jovens brancos para explicar-lhes a ideia do filme; 2) a mesma reunião, com os mesmos propósitos, acontece com os jovens negros, dando a entender logo no início do filme que existe uma distância espacial entre os dois grupos; 3) no final do filme, quando Nadine se despede no aeroporto, jovens brancos e negros estão juntos, interagem de maneira mais íntima, vão embora na mesma bicicleta, dando a entender que essa distância espacial havia sido encurtada.

Nesse sentido, para o cineasta Jean Rouch já não importa se a história é plausível ou não, se existe um filme ou não, pois o que se passou em torno da câmera é muito mais importante, visto que, nas palavras de Rouch, esses jovens aprenderam a se amar, a se odiar, mas principalmente a se reconhecerem e a se reconciliarem, algo que em anos escolares não haviam conseguido. Essa, portanto, é a mensagem do filme, é a sua composição comunicacional.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da construção desse capítulo foi possível perceber o quanto uma análise metódica, tal qual proposta por Wilson Gomes, enriqueceu as percepções sobre o filme em questão. O filme *A Pirâmide Humana* é constituído por códigos variados, pois é possível analisá-lo a partir de sua composição estética, visto ser ele um filme experimental, fruto de um interesse etnológico de Rouch, treinado em técnicas acadêmicas no campo da antropologia, principalmente aquela que inaugurou e chamou de *antropologia compartilhada*.

Também é possível analisá-lo a partir da sua composição poética, pois Rouch usa inúmeros recursos poéticos em sua *mise-en-scène*<sup>9</sup>, por exemplo, o próprio nome do filme deriva dela, visto que em dado momento, Jean Rouch, interpretando o papel de professor, solicita a um aluno a leitura de um trecho do poema de Paul Éluard, intitulado *A Pirâmide Humana*<sup>10</sup>, conforme FIGURA 3:



FIGURA 3 – Leitura do poema

Fonte: *A Pirâmide Humana* (1961)

Embora as possibilidades de análise sejam variadas, considero que, por conta do contexto da obra, a composição comunicacional seja a mais evidente no filme, ou seja, o experimento de Rouch tinha como objetivo demonstrar que o racismo não existiria se brancos e negros convivessem e compartilhassem experiências em comum.

Em meio a essa profusão de ideias e concepções, considero uma tarefa bastante complexa esgotar em um capítulo uma análise pormenorizada sobre o processo criativo que envolveu o filme *A Pirâmide Humana*. Meu esforço se deu, no entanto, em entender a trajetória de Jean Rouch em seu contexto histórico, assim como reconhecer em sua obra aspectos bastante inovadores, principalmente pela sua capacidade em misturar realidade

9. *Mise-en-scène*: Literalmente “pôr em cena”. Referia-se a direção teatral e foi estendida para a direção cinematográfica, em suma, é o controle do diretor sobre o que aparece no quadro fílmico, ou seja, o diretor encena o evento para a câmera. (BORDWELL; THOMPSON. p. 205, 2013). São quatro áreas de possibilidades para seleção e controle da *mise-en-scène*, sendo elas: 1) cenário; 2) figurino e maquiagem; 3) iluminação; e 4) encenação (comportamento dos personagens).

10. Esse poema lido em sala – que pode ser entendido aqui como um adereço –, também serve para criar um motivo, pois posteriormente a sua leitura, a personagem de Nadine, impactada pelo poema e apaixonada pela vida, começa a flertar com alguns meninos gerando tensões no grupo. As tensões encontram seu grau máximo quando Alain, capitão fictício de um verdadeiro navio naufragado se suicida por amor, desse modo, como argumenta o próprio cineasta, seu filme não existe para refletir a realidade, mas sim para criar outra: a realidade do filme.

e ficção e, a partir disso, buscar a realidade do filme. Com isso, é possível dizer que sua produção fílmica possui um certo padrão estilístico (BORDWELL, THOMAS, 2013, p. 473).

Estilo, no entanto, que não deve ser entendido como epifânico, mas alicerçado em inúmeras elucubrações realizadas ao longo de suas atividades, seja como engenheiro, ao associar um método matemático a uma possibilidade de montagem de filmes por aproximação, seja como artista ao buscar referências estéticas na poesia, na pintura, na literatura etc. Ao término desse trabalho, no entanto, fica uma sensação de incompletude, pois as possibilidades de análise trazidas pela obra de Jean Rouch são amplas.

## REFERÊNCIAS

ANDREW, James Dudley. **As principais teorias do cinema** – uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

BECKER, Howard. **A escola de Chicago**. Mana vol.2 n.2 Rio de Janeiro Oct. 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: Ferreira, Marieta (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A Arte do Cinema**: uma introdução. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Editora da USP, 2013.

DUMARESQ, Daniela. **Sobre heróis, narradores e realismo**: análise de filmes de Jean Rouch. 2007. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Doutorado em sociologia, Universidade de São Paulo, 2007.

FREIRE, Marcius. **Jean Rouch e a invenção do Outro no documentário**. Doc On-Line: revista digital de cinema documentário, v. 3, p. 51-61, 2007.

\_\_\_\_\_, Marcius; DAMINELLO, Luiz. **'La pyramide humaine' ou uma crônica colonial africana**. O Olho da História, v. 23, p. 21-40, 2016.

GARDNIER, Ruy. **Atualidade de Jean Rouch A Pirâmide Humana (1961) e Pouco a Pouco (1969)**. Contracampo, 2018. Disponível em: <<http://www.contracampo.com.br/60/piramidepetit.htm/>> Acesso em: 10 de mai. de 2019.

GOMES, Wilson. **La poética del cine y la cuestión del metodo en el análisis fílmico**. Significação (UTP), Curitiba, v. 21, n.1, p. 85-106, 2004.

JEAN Rouch en héritage. CNRS, 2017. Disponível em: <<https://lejournal.cnrs.fr/videos/jean-rouch-en-heritage/>>. Acesso em: 10 de mai. de 2019.

MENDOZA, Edgar. **Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil**: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). Sociologias, Porto Alegre, ano 7, no 14, jun/dez 2005, p. 440-470.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. São Paulo: Papirus, 2005.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 15 Mar 2019.

PIRÂMIDE Humana, A. Direção: Jean Rouch. 1961.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** - Mestre em Letras pelo Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pelo Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em Docência da Língua Inglesa pela AVM Faculdade Integrada. Licenciado em Letras: Português/ Espanhol e Respectivas Literaturas pela Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS). Licenciado em Teatro pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor efetivo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Horizonte em Parauapebas, sudeste do Pará.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agenciamento Criativo 117, 120, 128

Ambiguidade Visual 1, 5, 13

Análise Musical 130, 202

Andragogia 94, 95, 96, 97, 103, 104

Aprendizado Musical 105, 109, 110, 111, 114

Arte 2, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 25, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 96, 99, 103, 117, 130, 132, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 185, 186, 189, 191, 196, 202, 203, 207, 212, 213

Artes Visuais 35, 48, 73, 74, 159, 185

### B

Biogravura 158, 160, 162, 166

Borboleta 158, 162

### C

Ciência 2, 3, 6, 15, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 92, 96, 103, 106, 115, 121, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 177, 180, 182, 186, 189

Cinema 34, 35, 48, 49, 55, 56, 57, 60, 73, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 144, 205, 207, 212

Cognição 105

Compositores Brasileiros 61, 66, 68, 69, 70, 193

Corpo 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 40, 44, 55, 57, 59, 60, 88, 106, 107, 108, 120, 122, 124, 127, 128, 129, 163, 164, 167, 168, 169, 174

Cravo Brasileiro 61, 66, 69

Cravo no Brasil 61

Cultura Visual 12, 14, 24, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150

### D

Deficiência Visual 72, 73, 74, 77, 80

Desenho 21, 23, 25, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 164, 172

Desenvolvimento 2, 24, 25, 26, 38, 73, 74, 76, 80, 95, 98, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 132, 145, 146, 153, 156, 159, 174, 177, 178, 179, 205

Dispositivo 8, 73, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 129, 187

Drag 16, 17, 18, 19, 20, 21

## E

Educação 24, 33, 47, 48, 75, 77, 80, 94, 100, 102, 103, 104, 116, 143, 144, 145, 148, 150, 157, 183, 185, 213

Educação Musical 94, 95, 97, 102, 103, 104, 178

Epistemologia 1

Epizeuxis 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

Estudos Culturais 34, 35, 36, 143, 144, 146, 148, 149, 150

Experiências 5, 17, 27, 29, 31, 32, 38, 67, 72, 74, 76, 77, 78, 80, 85, 87, 106, 108, 129, 143, 146, 148, 156, 176, 194, 206, 211

## F

Família 36, 37, 42, 49, 79, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 170, 173

Feminismo 23, 46, 48, 54, 55, 60

Formação 4, 25, 26, 33, 56, 77, 85, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 145, 146, 149, 157, 159, 163, 167, 176, 195, 202

Fotografia 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 43, 44, 73, 91

Funções Executivas 105, 106, 107, 108, 109, 113, 114, 115

## G

Gênero 17, 18, 19, 23, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 52, 67, 82, 84, 85, 87, 88, 91, 93, 124, 147, 149, 150, 168, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 202

## H

Heterogênese 117, 120, 127, 128, 129

História da Arte 1, 2, 3, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 167, 170, 174, 185, 191

## I

Identidade 6, 19, 23, 35, 42, 43, 46, 74, 82, 104, 147, 150, 163

Imagem 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 35, 56, 59, 60, 74, 79, 122, 144, 146, 148, 150, 164, 168, 170, 173, 174, 185, 186, 189, 190, 191

Infância 10, 99, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 115, 181

Inquietações 1, 2, 25, 147, 197

Inteligência Musical 94, 95, 98, 99, 102

## M

Memória 6, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 194

Metamorfose 158, 162

Mulher-Maravilha 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60



Musica Colonial Brasileira 130

## O

Olhar 6, 12, 14, 24, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 55, 56, 57, 73, 101, 134, 146, 149, 153, 166, 167, 168, 186, 187, 188, 190

## P

Patriarcado 48, 59

Política 16, 17, 19, 23, 50, 149, 197, 205, 209

Professores 31, 33, 66, 79, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 144, 145, 154, 172, 178

## R

Representação 5, 13, 17, 19, 28, 34, 35, 36, 39, 40, 48, 50, 54, 55, 57, 59, 84, 164, 167, 168, 169, 170, 172, 189, 191

Retórica Musical 130

## S

Séculos 20 e 21 61

Simetria 19, 158, 162, 163, 164

## V

Visualidades 26, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 72, 73, 77, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150

# Arte Comentada 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020

# Arte Comentada 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](#) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020